

# A ARQUITETURA NA REPRODUÇÃO DA MEMÓRIA: O CAMINHO DE PEABIRU

THE ARCHITECTURE IN MEMORY REPRODUCTION: THE PATHWAY OF PEABIRU

Anderson Franciscon<sup>1</sup>

Caroline Salgueiro da Purificação Marques<sup>2</sup>

Mauricio Hidemi Azuma<sup>3</sup>

FRANCISCON, A.; MARQUES, C. S. da P.; AZUMA, M. H. A arquitetura na reprodução da memória: o caminho de Peabiru. **Akrópolis** Umuarama, v. 25, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 2017.

DOI: 10.25110/akropolis.v25i2.6295

**RESUMO:** O Caminho de Peabiru foi uma rede de caminhos de precedência indígena, seccionando o continente sul-americano de leste a oeste. Na região de Campo Mourão-PR muitos têm sido os estudos referentes ao Caminho, no entanto, não há estudos sobre a necessidade de memorá-lo por meio da arquitetura. A ausência de um espaço destinado à salvaguarda do Peabiru faz com que o início da habitação e deslocamento humano pela região seja esquecido e desconhecido por muitos. Uma solução para o resgate arqueológico do Peabiru seria a construção de um Memorial, pois vários foram edificados com a finalidade de perpetuar uma história específica. Esta pesquisa de revisão literária tem por objetivo identificar a função da arquitetura em resgatar acontecimentos históricos, revelando à necessidade de memorar o Caminho de Peabiru e quais pontos e programas de necessidade a obra deve explorar. Conclui-se que o (Memorial Caminho de Peabiru) deverá conter signos de forma a fazer com que o usuário lembre e reviva o Caminho, bem como apresentar uma proposta de edifício que possa abrigar atividades para o desenvolvimento de estudos, apresentações artísticas e culturais, exposições literárias, de artefatos indígenas e de pioneiros da região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caminho de Peabiru; Memorial; Significados.

**ABSTRACT:** The Peabiru Way was a mesh of paths of indigenous precedence, crossing the South American continent from east to west. In the region of Campo Mourão-PR many studies have been on the Way, however, there are no studies on the need to memorize it through architecture. The absence of a space destined to safeguard Peabiru means that the beginning of housing and human displacement by the region is forgotten and unknown to many. A solution to the archaeological rescue of the Peabiru would be the construction of a Memorial, since several were built with the purpose of perpetuating a specific history. This research of literary revision aims to identify the function of architecture in rescuing historical events, revealing the need to memorize the Peabiru Way and what points and programs of necessity the work should explore. It is concluded that the (Memorial Caminho de Peabiru) should contain signs in order to make the user reminisce and revive the Path, as well as submit a proposal for a building that can host activities for the development of studies, artistic and cultural presentations, Literary exhibitions, indigenous artifacts and pioneers of the region.

**KEYWORDS:** Meanings; Memorial; Peabiru Path.

<sup>1</sup>Arquiteto e Urbanista - Departamento de Arquitetura e Urbanismo Unipar.

<sup>2</sup>Arquiteta e Urbanista, Departamento de Arquitetura e Urbanismo Unipar.

<sup>3</sup>Arquiteto e Urbanista, Departamento de Arquitetura e Urbanismo UEM.

## INTRODUÇÃO

O Caminho de Peabiru foi uma rota indígena que seccionava o continente americano meridional “ao sul da linha do equador”, sendo considerado patrimônio arqueológico indígena, porém desconhecido por muitos. Conhecer a história do Caminho é útil para compreender o multiculturalismo e o desenvolvimento do continente sul americano.

O tema, que chegou a ser praticamente esquecido, vem despontando o interesse de muitos pesquisadores, com o intuito de revitalizar a história do Peabiru, revelando-a ao homem contemporâneo. Muito se tem feito com relação ao levantamento bibliográfico e estudos arqueológicos, bem como a implantação de roteiros turísticos e de peregrinação.

Muitos fatos históricos vêm sendo resgatados e homenageados por memoriais institucionais, onde a história é memorada através da arquitetura, obeliscos, imagens, objetos, entre outros. Vários espaços já foram criados, como: Memorial Getúlio Vargas e Memorial JK, que descrevem a vida dos ex-presidentes brasileiros; Museu Judaico de Berlim, que conta a saga dos judeus durante a segunda grande guerra, entre tantos outros tantos.

Por meio de conhecimento teórico relacionado ao Peabiru e obras correlatas é possível desenvolver uma arquitetura que possa revelar importantes significados ao tema, bem como, atribuir funcionalidade e utilidade. Entendendo que para um projeto adequado deve-se conhecer o tema, lugares históricos, bem como seu programa de necessidades.

Diante do desenvolvimento desta pesquisa, nota-se a importância do Peabiru para o continente. O Memorial terá por finalidade, revelar a história do Caminho por meio de sua arquitetura e o acervo nele contidos, tornando acessível desta forma à população, os fatos históricos dos primórdios e colonizadores do continente sul-americano, bem como sua importância para o desenvolvimento da América Meridional.

## DESENVOLVIMENTO

### A mensagem Arquitetônica

De acordo com Silva Neto (s.d.), a simbologia é tão antiga quanto ao homem propriamente dito. Isso aconteceu quando os antigos começaram a ter autoconsciência, esboçando

os primeiros pensamentos abstratos. O signo é essencial na linguagem, deve ser algo conhecido por todos, sendo algo característico do homem, pois os animais sabem utilizá-los, porém são incapazes de simbolizar.

Cattani (2006), compreende que a arquitetura, quando expressa a intervenção humana na natureza, torna-se um produto cultural universal, considerando todo fenômeno cultural como um sistema de comunicação, dotado de uma linguagem própria, podendo ser analisada sob aspectos históricos, sociológicos, conceituais, artísticos, morfológicos, tecnológicos, semióticos entre outros. Dessa forma, a arquitetura deve possuir significado, pois sem este, passa a ser apenas imagem.

De acordo com Pignatari (1995), o signo arquitetônico é icônico e tridimensional, possuindo interior e exterior, sendo representado por códigos e sinalização. “...a palavra casa não se confunde com o objeto designado; a foto de uma casa, também não. Já a casa, ela própria, é um signo de si mesma”. (PIGNATARI, 1995, p. 114). Segundo este autor, a arquitetura transmite um código explicado da seguinte forma:

Na arquitetura, o código arquitetônico é hegemônico...nem toda arquitetura é apenas pedra e nem toda música é apenas som...o assentamento humano, a cidade – é endereçada, antes de mais nada, a não-arquitetos, ou seja, a receptores e interpretantes cujo código principal não é arquitetônico, mas que no entanto (de maneira leiga, digamos), só podem absorver a mensagem decodificando-a, em primeiro lugar, segundo o código arquitetônico. (Pignatari, 1995, p. 114).

### Arquitetura como memória

Como já sabido, a arte “dança, música, arquitetura, escultura, gravura, etc.” são responsáveis por contar a história da humanidade, sendo algumas das principais fontes de resgate aos elementos históricos.

Na era das trevas, em que Deus era a única salvação, os templos católicos eram idealizados de forma a buscar os céus, seus vitrais tinham por objetivo contar cenas bíblicas e ensinar o povo, de maneira que era possível resgatar a existência do Altíssimo, bem como propiciar o aprendizado da população que não tinha acesso à Bíblia, tão pouco a habilidade da leitura.

Em muitos períodos da história, arquitetos recorreram ao passado para buscar signifi-

cado à sua arquitetura, buscando elementos arqueologicamente corretos e adaptando ao seu tempo. O Renascimento é um período bastante emblemático para provar tal tese, pois estudiosos recorreram à antiguidade clássica para obter respostas para o momento atual em que viviam. Do mesmo modo que a arquitetura pode resgatar o passado, também pode revelar o momento de sua construção para as gerações futuras.

“A arquitetura possui um papel fundamental, pois é nela que estão contidas as maiores transformações visíveis enquanto ciência de um período histórico para o outro”, diz (PEREIRA, 2009, p. 22).

Os memoriais, conforme explica Pereira (2009), tem por função fazer o homem lembrar coisas do passado, bem como trazer novas informações, dando novo sentido à vida contemporânea. Um memorial tem por finalidade, gerar uma imagem coletiva e fazer com que o homem reflita e se entenda como sujeito da própria história.

Logo, a história possui caráter fundamental na formação de cidadãos, proporcionando-lhes conhecer o futuro por meio do passado, conforme colocado por Cainelli e Tuma (2009). Percebe-se a grande importância do passado para o presente; sendo que o memorial tem a função de resgatar o passado.

O estudo do passado não é um guia seguro para prever o futuro. Porém, ele nos prepara para o futuro, expandindo nossa experiência, fazendo com que possamos aumentar nossas habilidades, nossa energia - e se tudo for bem, nossa sabedoria.

... Mas só sabemos essas coisas sobre o futuro porque estudamos o passado: sem isso não teríamos nem mesmo o conhecimento dessas verdades fundamentais, não saberíamos as palavras para expressá-las, ou até quem, ou onde, ou o que nós somos. Só conhecemos o futuro através do passado nele projetado. Nesse sentido a História é tudo que temos. John Lewis Gaddis apud Cainelli e Tuma (2009). Pg 212.

### Definição de Memorial

Barcellos (1999) afirma que para o senso comum, memorial e museu são idênticos. Castro (2006), explica que toda entidade destinada a preservar a memória, contendo testemunhos materiais é classificada como museu.

Mesmo um Memorial que só trabalhe com testemunhos “imateriais” (registros de práticas, entrevistas, gravações audiovisuais, etc.) pode ser vista como um museu, já que os registros em si (as transcrições, fitas, CDs, etc., enquanto bens materiais), formam os bens materiais que transformam o Memorial em um museu (CASTRO, 2006, p. 1).

Barcellos (1999), explica duas variâncias referentes aos memoriais: Memorial como palco de homenagens e como centro cultural.

**O Memorial como palco de homenagens**, consiste em edifícios, cuja função é homenagear algo e possui formato de museu, seguindo o Conselho Internacional de Museus e similares. O ambiente expõe objetos de caráter cultural, geralmente sendo objetos pessoais, fotos, relatos, etc., quando se trata de um indivíduo, ou etnia. Apesar da existência de objetos culturais, a principal essência do Memorial é homenagear algum fato marcante. São exemplos dessa classe: “Memorial à Princesa Diana, na Inglaterra; John Kennedy Memorial e o Palácio de Tábuas homenageando Juscelino Kubitsch”.

**Memorial como centro cultural** - funcionam como grandes centros culturais, porém na realidade encenam as mais diferentes atividades culturais. Barcellos (1999) cita como obra emblemática o Memorial da América Latina, sendo um espaço destinado à salvaguarda da cultura americana e constituído por museu, espaço para apresentações, biblioteca e espaço para eventos cívicos. É considerado como a grande referência em termos de memoriais no Brasil.

Com base nas duas classes de memoriais, Barcellos (1999) afirma que o memorial pertenceria a uma classe intermediária apresentada, o autor conclui sobre a definição assim:

Arrisco a interpretação de que o que o conceito atual de Memorial preserva - ou deve preservar - para não sofrer o risco de descaracterizar-se na origem, é de que é uma escritura, uma memória institucional, formal, burocrática -se preferirem - o objeto fundamental de um Memorial, seja ela qual for. Portanto, exclui-se, numa primeira interpretação, como centro de um Memorial a função cultural em sentido lato. (BARCELLOS, 1999, p. 7).

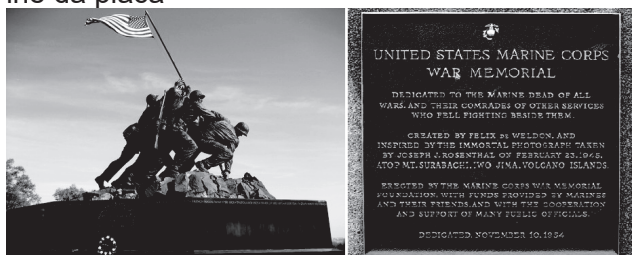
Conforme Barcellos (1999, p. 8 e 9), a definição mais apropriada para Memorial seria: “como lugar permanente que conserva e expõe

coleções de objetos de caráter institucional com fins culturais...”. O autor conclui que etimologicamente o conceito de museu difere de Memorial: “Memorial não é um museu, não é abrigado em sentido estrito pelo conceito - no sentido de que é incorreto chamamos indistintamente Memorial de Museu, ou de que possamos concebê-los funcionando da mesma maneira”.

**Alguns Memoriais relevantes**

**Iwo Jima Monument (Marine Corps War Memorial — Iwo Jima Statue).** Este Memorial resgata a memória de todos os guerreiros mortos durante a segunda grande guerra, explica Affonso (2007). O monumento ilustra o momento em que cinco soldados hasteiam a bandeira estadunidense na ilha de Iwo Jima (localizada a 1200 km ao sul de Tóquio) em 23 de fevereiro de 1945 (figura 01).

**Figura 1:** Memorial Iwo Jima “soldados e detalhe da placa”



Fonte: Affonso (2007).

**Memorial Getúlio Vargas.** Tem por objetivo revelar a história do presidente brasileiro mais popular da história. Projetado pelo arquiteto Henock de Almeida, segundo o mesmo a ideia é bastante simples, porém, significativa. O Memorial traz consigo informações da vida de Getúlio, bem como sua biografia de forma cronológica (figura 02).

**Figura 2:** Planta Baixa do subsolo e Perspectiva Volumétrica do Memorial Getúlio Vargas.

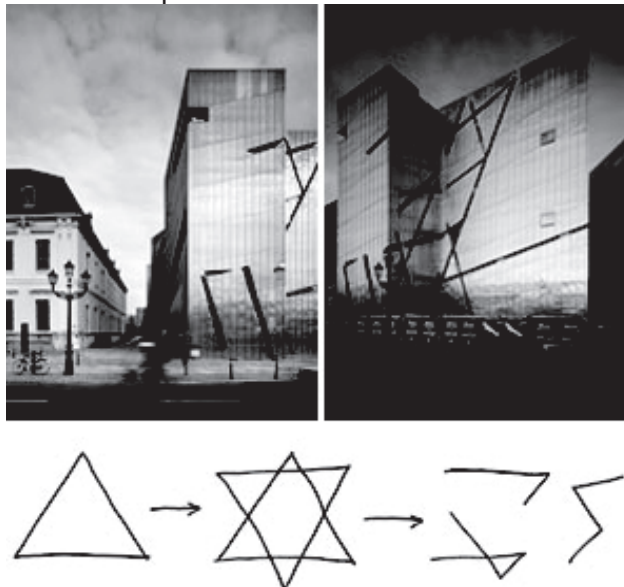


Fonte: Almeida (2005).

**Museu judaico de Berlim. O percurso**

no interior do edifício conta por si próprio a história vivida pelos judeus. O memorial utiliza-se do símbolo judaico mais emblemático, a “estrela de Davi”, atribuindo-lhe outros significados com base na dizimação deste grupo étnico-religioso pelos nazistas. Desta maneira, a estrela de Davi foi desintegrada, gerando outras formas que foram utilizadas no design das aberturas do edifício (figura 03).

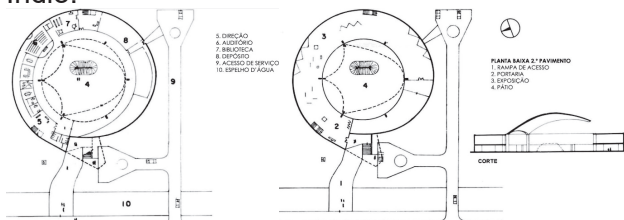
**Figura 3:** Museu Judaico de Berlim e Estrela de Davi decomposta.



Fonte: Gomes (2007).

Memorial dos povos indígenas (museu do índio). Fraga (2006) explica que no Memorial, relembra-se o massacre dos indígenas, bem como as pessoas que os defenderam. No interior da obra é relatado a forma de vivência dos índios como: “origens, índios silvícolas, carpinteiros, etc.”, utilizando-se de fotos, maquetes, filmes, etc. (figura 04).

**Figura 4:** Planta baixa e corte do Memorial do Índio.



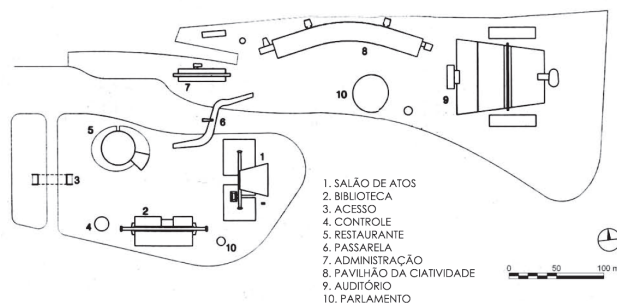
Fonte: Fraga (2006).

Memorial da América Latina. Fraga (2006), explica que o Memorial é um complexo de edifícios, contendo imensas praças secas,



conectadas por passarelas, conforme figura 05. Os edifícios são projetados para funcionar separadamente, porém seguem uma sequência conduzindo o visitante por todo o Memorial. O autor explica que o arquiteto definiu o Memorial como um ato de solidariedade continental. O Memorial remete à imagem da velha e maltratada América Latina, bem como suas origens, seus libertadores e toda sua história.

**Figura 5:** Implantação do Memorial da América Latina



Fonte: Adaptado de Fraga (2006).

## O caminho de Peabiru

### Conhecendo o Peabiru

De acordo com Casemiro (2010a), para o NECAPECAM (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Caminho de Peabiru na Região de Campo Mourão - PR), o Peabiru é um bem arqueológico da comunidade indígena, desqualificado e incompreendido por muitos, de um passado ainda presente, servindo para compreender o multiculturalismo e convergir índios e não índios na construção de uma sociedade melhor.

“A palavra Peabiru é tupi-guarani e para ela há várias traduções: “Caminho forrado”; “Por aqui passa o Caminho antigo de ida e de volta”; Caminho sem ervas; Caminho que leva ao céu, entre outras.” (Cadernos da ilha, 2004, p.9).

O Caminho de Peabiru é um tema bastante misterioso, pois até hoje existem muitas perguntas sem respostas. Assuntos referentes ao tema são levantados por meio de literaturas existentes sobre as Américas ou através de entrevistas direcionadas à população indígena e aos velhos colonizadores da região. Também se buscam informações em sítios arqueológicos existentes.

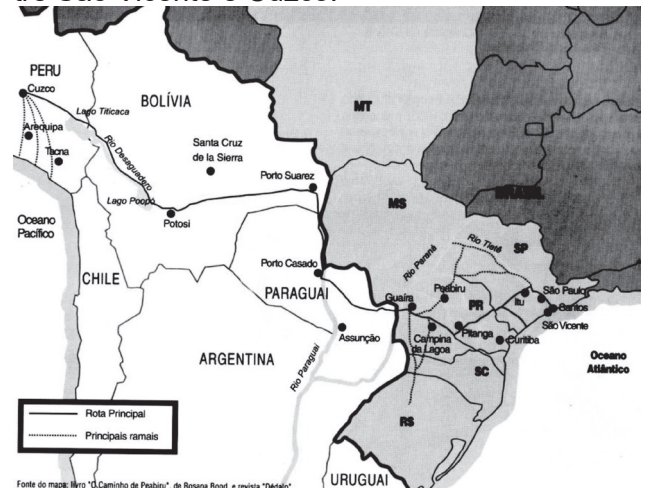
Bond (2009) explica que a palavra Peabiru vem sendo descrita desde o século XVI, por cronistas europeus. A palavra sofreu mutações em sua grafia (Peabiru, Peavyju, Peavirú, Pe-

abeyú, Tape Aviru e Tape Abiru). Os europeus chamavam o Peabiru de Caminho de São Tomé.

Segundo Werneck (2006), o Caminho de Peabiru é algo bastante intrigante, porém pouco conhecido e debatido na região de Campo Mourão. O Caminho é algo fantástico, podendo ter suas origens há mais de 4000 anos, portanto sendo de origem pré-incaica e guarani.

O Caminho de Peabiru é um caminho antigo que cruzava a América meridional, ligando o Oceano Atlântico ao Pacífico. Este caminho passava pelo Brasil, Paraguai, Bolívia chegando ao Peru. No território brasileiro, passava por São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. É considerado uma obra-prima construída pelos índios antigos, explica Bond (1996), complementado que o Caminho possa ter passado também pelo Rio Grande do Sul, Uruguai e Chile, conforme figura 06.

**Figura 6:** Rota principal e ramais do Peabiru entre São Vicente e Cuzco.



Fonte: Peabiru Calunga (2009).

O Peabiru era um conjunto de trilhas, possuindo vias principais e secundárias. O seu trajeto original é difícil de ser descrito, pois há vários estudos sobre o assunto e, muitas vezes, as informações são divergentes, bem como a existência de lacunas de informações. Mas de fato, pode-se relatar que a rota original nunca será descrita com precisão, apenas uma rota aproximada ou simbólica.

O seu trajeto principal possuía cerca de 4000 quilômetros “litoral atlântico ao litoral pacífico”, sendo que, 1200 destes situavam em solo nacional. O Caminho possuía em média 1,40 metros de largura, ou 8 palmos conforme literatura existente e profundidade de 40 centímetros.

O Peabiru foi o principal caminho pré-colombiano existente na América e estas características já vêm sendo descritas desde o século XVI.

Igor Chmys constou que o Caminho não subia elevações, mas sim as contornava, sendo, portanto, bastante sinuoso, explica Casemiro (2010a). Bond (2009), descreve que o Caminho era forrado “pavimentado”, e o material utilizado mudava de acordo com a região, pois atravessava “pântanos, selvas, rios, pedreiras, areias, entre outros”, sendo considerado uma verdadeira obra de engenharia.

Em território brasileiro o Caminho era forrado por gramíneas, e à medida que se aproximava do Império Inca era forrado por pedras, em alguns locais como o Chaco paraguaio, era demarcado por estacas. Há indícios de trechos em território brasileiro forrados por pedras nas proximidades da aldeia de Meruri e do Rio Miranda, ambas as localidades situadas no estado do Mato Grosso, explica Bond (2009).

Nos locais onde o Peabiru era forrado com gramíneas, seus construtores plantavam ervas, que produziam sementes glutinosas em alguns trechos, para que quando algum homem ou animal passasse por ele, as sementes grudavam em suas pernas, sendo disseminadas em outros trechos. Esta forragem tinha duas funções retentoras: barrar a erosão, e a invasão de outras plantas sobre o Caminho, fazendo com que o Peabiru funcionasse como um corredor, estando sempre livre e limpo.

De acordo com Cadernos da ilha (2004), há autores que negam a existência do Peabiru, mas de fato é que no ano de 1555 o ex-governador do Paraguai Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, descreve sua caminhada entre a Ilha de Santa Catarina e Assunção, utilizando um Caminho feito pelos índios; Días de Guzmán diz ter andado por um Caminho bastante destacado, nomeado de Peabeyú, o padre Montoya, fundador das missões do Guairá, onde no ano de 1639, dizia ter andado por um Caminho que tinha oito palmos de largura. Bond (2009) acrescenta outros personagens como Pedro Lozano, que no ano de 1739 escreveu o nome Peabiru pela primeira vez, como o conhecemos hoje.

Segundo Gaioski (2004), o governador do Paraguai “Cabeza de Vaca”, no dia 7 de dezembro de 1541, passou por um grande rio, “Rio Ivaí”, e no dia 14 avistou uma aldeia indígena, onde efetuaram a leitura da latitude local, obtendo 24.5°, “posicionamento próximo ao do muni-

cípio de Pitanga”.

Mas de fato, o Caminho serviu para as andanças no interior do continente, chegando a ser fechado pelo governador geral do Brasil, Tomé de Souza, entre os anos 1553 a 1603, existindo pena de morte para aquele que fosse encontrado trafegando pelo Caminho, pois a população brasileira deslocava para os países vizinhos com a finalidade de adquirir produtos ilegais, conforme parágrafo abaixo:

“Esse Caminho teve importância geopolítica significativa durante os séculos XVI e XVII. Por ele transitaram personagens ilustres como Cabeza de Vaca e Aleixo Garcia, além é claro de incontáveis anônimos e comerciantes com suas mercadorias, muitas vezes ilegais. (CAVALCANTE, 2008, p. 78).

Em entrevista de Sinclair Pozza Casemiro concedida a Werneck (2006), ela diz que o Peabiru funciona como uma universidade, pois nele aprende-se sobre diversas áreas, como: agricultura, astronomia, religião, medicina, estando todas essas questões inter-relacionadas.

### **O Caminho e sua Autoria**

Existem três hipóteses principais, descrita por cadernos da Ilha (2004).

**Caminho da Terra Sem Mal** – O Caminho tem sido aberto pelos Guaranis ou povos anteriores, talvez os Itararés. Os índios originários do Paraguai teriam se deslocado para o litoral sul brasileiro, entre os anos 1000 e 1300, em busca de um paraíso, ou seja, a Terra Sem Mal, sendo o Peabiru, considerado sagrado.

**Caminho dos Incas** – O Caminho teria sido uma obra incaica ou pré-incaica, onde o Caminho se destinaria ao comércio com outras tribos do Paraguai e interior do Brasil. Inicialmente, teria função comercial, posteriormente poderia ser utilizado como via de expansão de seu império. O Peabiru funcionaria como um Caminho de mão dupla, servindo para os guaranis irem até o Império Inca e os Incas irem ao Atlântico Sul, assim deixando vestígios das duas etnias junto às áreas lindeiras do Caminho.

**Caminho de São Tomé** – São Tomé, apóstolo de Jesus Cristo, seria o autor do Caminho.

A passagem de São Tomé pelo novo mundo foi mencionada por índios, padres, autoridades e colonos europeus no século 16. A versão corrente é que um homem branco,

barbudo, trajando um camisolão teria chegado ao litoral brasileiro “andando sobre as águas”. Foi chamado de Sumé. (Cadernos da Ilha, 2004, p.10).

São Tomé teria se deslocado até o Peru, onde os Pré-Incaicos o chamarão de Kuniraya, e os Incas de Viracocha. São Tomé teria ido embora do Peru, também caminhando sobre as águas. O Santo teria vindo as Américas para ensinar os índios a acreditar num único Deus, plantar, colher, domesticar animais, etc. É comum encontrar-se rochas com desenhos de pés em baixo relevo, alguns atribuem o fato a existência de Caminhos indígenas nas proximidades e outros dedicam a autoria ao santo.

### Grupo Itararé

De acordo com Bond (2009), os itararés, seriam os autores da trilha, a denominação Itararé é de procedência arqueológica, como etnia, são considerados Jê. Este povo é originário do Brasil central, migrando gradualmente para o sul do país, sendo considerado o primeiro povo ceramista da Região Sul, tendo sua datação mais antiga do ano de 800 a.C.

Bond (2009), diz que o arqueólogo Igor Chmyz, estudou a região de Campina da Lagoa, município pertencente à CONCAN, onde achou um Caminho bem demarcado, rebaixado e com largura superior a um metro, onde os antigos disseram que o Caminho serviu como fluxo de penetração da Guerra do Paraguai.

O Caminho mapeado possui orientação SO-NE, onde uma extremidade encontra-se perto do rio Piquiri a outra aponta para Região de Campo Mourão e Peabiru. Junto ao Caminho há achados de sítios arqueológicos desta etnia, contendo casas e galerias subterrâneas.

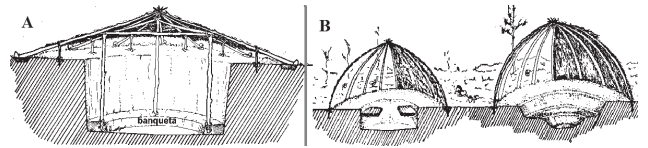
...Erigiam habitações grandes isoladas ou menores agrupadas. Nas regiões mais frias, construíam habitações subterrâneas circulares, identificadas como ‘buracos de bugre’ pelos nacionais...

...Praticavam a cremação de cadáveres e levantavam, no local da cremação, um montículo de terra, comumente elíptico e raso, e raramente elevado, em forma de cone truncado. Chmyz apud Bond (2009), pág. 47.<sup>3</sup>

Sabe-se que os itararés construíam ca-

sas subterrâneas em locais de clima inapropriados para sua subsistência, à medida que o clima os favorecesse as casas passariam a ser semi-subterrâneas e a nível térreo, figura 07.

**Figura 7:** Casa Itararé; A- casa subterrânea; B- casa semi-subterrânea.



Fonte: LA SALVIA (1983), apud Beber (2004).

As proximidades dos sítios arqueológicos com a rota do Peabiru, bem como algumas semelhanças construtivas gerais, como “o Caminho apresenta-se escavado no chão, características semelhantes à arquitetura de suas casas”, torna-se apto atribuir a autoria deste Caminho aos Itararés, sabe-se que os Itararés e os Guaranis eram povos inimigos, portanto, o Caminho tem sua origem antes dos Guaranis na região.

Chmyz & Sauner (1971), explica que os artefatos líticos encontrados na COMCAM, eram feitos de arenito silicificado. Nas escavações, localizaram-se diversos blocos de diabásio, cacos cerâmicos e carvão vegetal, madeira carbonizada, lascas de quartzo, bolas de argilas queimadas.

Segundo Milan (2008), a criação do Peabiru deve ter ocorrido antes de 1480, pois o arqueólogo Igor Chmyz, encontrou escória mineral em túmulos indígenas, os índios não fundiam minerais, porém havia a fundição de ferro pelos espanhóis nas proximidades dos sítios arqueológicos.

### Grupo Guarani

Os guaranis são uma tribo originária do Amazonas, que começou suas migrações por volta do ano 1000 a.C., quando passaram a habitar o Paraguai, com fixação datada de 500 a.C.

Bond (2009), assevera que em suas buscas à terra sagrada, os guaranis teriam se deslocado do Paraguai, “centro do mundo para eles”, para o leste sul - brasileiro, anteriormente aos anos de 50 ou talvez 450 da Era Cristã. A autora afirma achar indícios de que os guaranis teriam migrado para o Oeste, também por motivos religiosos, mas o que é de fato, é que o Peabiru é considerado sagrado, até mesmo para os índios contemporâneos.

A importância do Peabiru para o povo

<sup>3</sup>Palestra de Igor Chmyz em Curitiba, Biblioteca Pública do Estado do Paraná, sem data.



Guarani é observada na fala de Dona Almerinda, senhora mais idosa entre os guaranis–nhandeva, residente na reserva Arai Werá ‘nuvem brilhante’, localizada em Santa Amélia – PR a partir de uma entrevista realizada por Casemiro (2007).

É o Caminho da terra, né? Veio que veio, veio lá do céu e encostô no lugar onde eles fizeram, e começô a tremê, aquele Caminho tremia, tremia e tremia, mais no meio daquela tribo que tava rezando tinha uma muié i um hõmi qui era abusante, num crê muito né? Aí eles rezando, rezando, mas por causa daqueles dois abusante, Caminho subiu trá vez, sumiu no céu, sabe o que eles fizeram? Daí a muié tava dançando lá com taquá, nhanderu com mbaraká, aí viro contra um o outro, quebrava mbaraká na cabeça do outro, as moças brigando entre as moças, rapaziada brigando entre as rapaziadas, sentia que o Caminho sumia outra vez, sumiu no céu outra vez, se não eles ia embora, por causa daqueles dois abusantes, num desceu no chão pra levar eles... ah... tem muita história, muita história, muito triste (chora).  
... quando eles tão pedindo a Nhandejara pra abrir o Caminho assim eles jejua né? Comida assim num come. É canjica, mel do mato com água muito fria ainda. Assim que eles comia. É, lá é a terra... como é que fala... lá yvy mburana, terra que encanto pro índio ficá, diz que existe mesmo isso aí, mas os índio tá lá, né?”. (Casemiro, 2007, p.55).

Bond (2009) descreve os guaranis como uma etnia fechada, renitente a revelar seus rituais, deuses, crenças, etc. Consideram o sol como Deus, são politeístas, acreditam na Terra Sem Mal. São grandes conhecedores de fitologia. A seguir apresentam-se algumas características dessa etnia conforme a citada autora.

Pode se dizer que os guaranis possuem cinco casais de deuses, o casal principal localiza-se no zênite solar, e outros quatro relacionam-se com os pontos cardeais. Portanto a cruz torna-se um objeto sagrado para este povo.

**Zênite:** *Nhanderu – Nhandecy*: donos do poder criador, da geração de tudo;

**Leste:** *Karái – Kerechu*: donos do crepitar das chamas do sol e do fogo. Para os Guaranis o fogo representa o patrimônio cultural, conhecimento, sabedoria. A figura do urubu ou corvo branco é associada ao guardião do fogo ou luz solar;

**Oeste:** *Tupã – Pará*: donos da chuva, da água, dos mares, do raio e do trovão. O Deus Tupã parece se multiplicar, mas apresenta ser robusto e usa uma tembetá de cristal “quartzo”;

**Norte:** *Jakaira – Isapy* – donos da bruma, neblina, fumaça vivificante, dos bons ventos e da primavera;

**Sul:** *Kuaray – Jachuká* “símbolo feminino” – donos do sol e do tempo-espaço primigênio.

De acordo com Prudente (2007), os guaranis consideram suas casas como seres vivos, considerando-a um membro da família, envolvendo grande simbolismo, quanto o posicionamento geográfico, materiais aplicados, formas e tamanho das aberturas. Dão grande atenção ao sol e plantas como o cedro. Essa que contempla valor simbólico e mitológico, sendo a última árvore feita por Nhanderu, o cedro representa o próprio sol.

Homenageiam tanto o sol nascente como o poente, para eles o sol significa o mesmo que Jesus para o Cristianismo, contavam aos jesuítas que sem o sol, não existiria vida. O Peabiru seria o Caminho do sol, contendo início, meio e fim. Trechos do Caminho também serviriam como rota de correios e “informações”. As aldeias localizadas às margens do Peabiru sempre continham dois guardiões em seu acesso.

Os rituais sagrados são realizados nas Opy, “casa de reza”, em seu interior o ocupante deverá caminhar, sendo este um ato sagrado para este povo, pois seu deus Nhanderu, ordena aos Guaranis que sempre caminhem sob sua orientação, explica Ladeira (1992) apud Bond (2009). Essa teoria é confirmada por Casemiro (2010b), que esclarece que os guaranis acreditam ser o Peabiru o responsável por levar o índio à Terra Sem Mal, seu deus maior “Nhanderu” pede que sempre caminhem em busca da Yvy Marã Ey, a “Terra Sem Mal”.

O Peabiru é considerado o Caminho sagrado que leva a tal paraíso, paraíso este, perdido no mar, no céu, ou até mesmo localizado neste mundo real, mudando a cada instante de posição. Portanto, sendo uma localidade dinâmica. Porém na maioria das citações à Terra Sem Mal, seria uma aldeia localizada em uma Ilha no Oceano Oriental do Continente americano.

A caminhada é realizada em direção ao mar para se chegar à Terra Sem Mal, o guarani deve atravessá-lo, porém, sem se molhar. Os Guaranis contemporâneos não entram no mar,

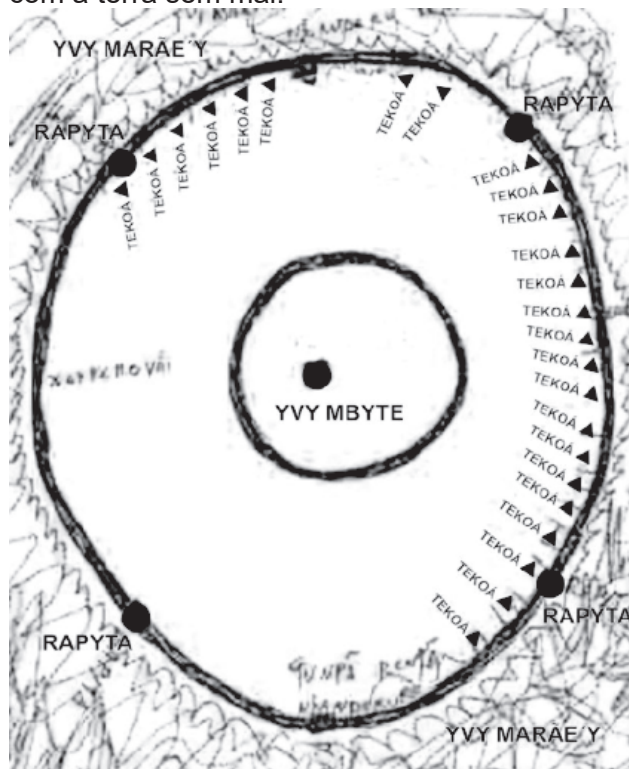


pois o considera sagrado, não devendo ser utilizado para brincadeiras. O mar pode ser atravessado com a ajuda dos deuses, eles mandam o Apiká – transporte voador para buscar aquele que merece.

Os guaranis buscam a Terra Sem Mal, pois eles têm saudades dos deuses. Junto ao mar, eles estão mais próximos. Dão grande importância as serras. Para os guaranis, os lugares sagrados ficam ao alto, tanto que os pajés acabam por morar nestes locais.

Ainda hoje, segundo Prudente (2007), os guaranis ordenam seu espaço de acordo com a mítica terra sem mal e a realidade. O autor explica que esta busca territorial ocorre em sentido anti-horário, partindo do interior do Paraguai “centro do mundo” e, passando pelas fronteiras das missões, fronteiriças entre Brasil e Argentina, chegando ao litoral brasileiro desde os estados do Rio Grande do Sul, até o Espírito Santo. Na visão indígena o território possui forma circular tendo uma centralidade e diversas *tekoás*, “comunidades”, em sua extremidade, separando o mundo real da terra sem mal. Figura 08.

**Figura 8:** Território Guarani ordenado de acordo com a terra sem mal.



Fonte: Prudente (2007).

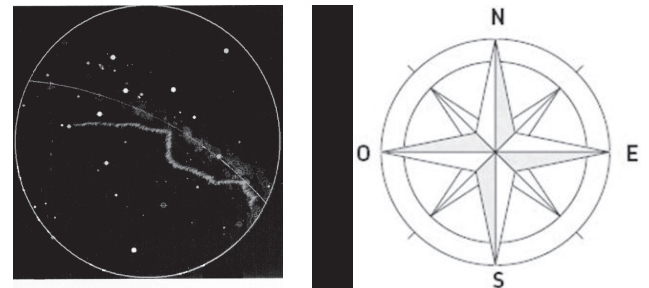
A figura 08 revela que, além da centralidade, há a representação dos quatro pontos

cardiais, indicados como *rapyta*, portanto os deuses estão presentes diante da ordenação espacial territorial.

**O traçado do Peabiru segue a via láctea**

Segundo Afonso (2004) o traçado do Peabiru, assemelha-se a Via Láctea. Sendo que a cultura indígena está intrinsecamente ligada à astronomia. Segundo as principais colocações de Afonso (2004), sabe-se que o Peabiru possuía um ramal principal, analisando aquele percorrido por Aleixo Garcia, partindo do litoral de Santa Catarina, com destino ao império Inca. Ao observar a figura 09, nota-se que o Caminho segue uma direção oblíqua quando relacionada aos eixos norte-sul e leste-oeste, sua direção segue os pontos colaterais Sudeste para Noroeste.

**Figura 9:** Semelhanças entre a Via – Láctea e o Peabiru



Fonte: Adaptado de Afonso (2004).

“A terra sem mal é, na verdade, a via láctea, onde moram os deuses guaranis. Lá é o paraíso dos índios, e sua orientação é aproximadamente noroeste-sudeste”. (AFONSO, 2004, p. 17).

Complementando, Afonso (2004) ressalta que são dois os fatores responsáveis pela semelhança entre o Caminho e a Via Láctea:

**Moradas dos Deuses:** Os guaranis chamam a via láctea de “*tapirapé*” ou Morada dos Deuses, seguindo essa lógica, pode assemelhar a morada dos deuses com a “terra sem mal”, portanto a terra sem mal estaria no céu. Para os nativos, a terra é o reflexo do céu, portanto, tudo que se vê no céu existe na terra. A via láctea é vista como um caminho, por vários povos, entre eles, os Incas.

... O Caminho que nosso índio percorreu é aquele da Via Láctea, quando ela esta mais alta no céu. E que é também aproximadamente o Caminho que liga as posições do nascer-do-sol no verão com o pôr do sol no

inverno. (AFONSO, 2004, p. 14).

**Como trilhar o Caminho de acordo com a via láctea:** os índios se localizavam por relógios solares, distribuídos ao longo do percurso, os relógios eram feitos de pedras, com altura média de 160 cm, talhada na direção dos pontos cardeais, chamada de pedra do segredo, estas que além da função astronômica, possuía função religiosa. Cada ponto cardinal representava um deus, os deuses que ajudaram a fazer a terra de seus habitantes, e o topo da pedra representavam o deus maior “Nhanderu”. A altura da pedra é a altura dos olhos do índio, que possibilitava observar o nascer e o por do sol. Durante a noite os índios guaranis guiavam-se pelo Cruzeiro do Sul.

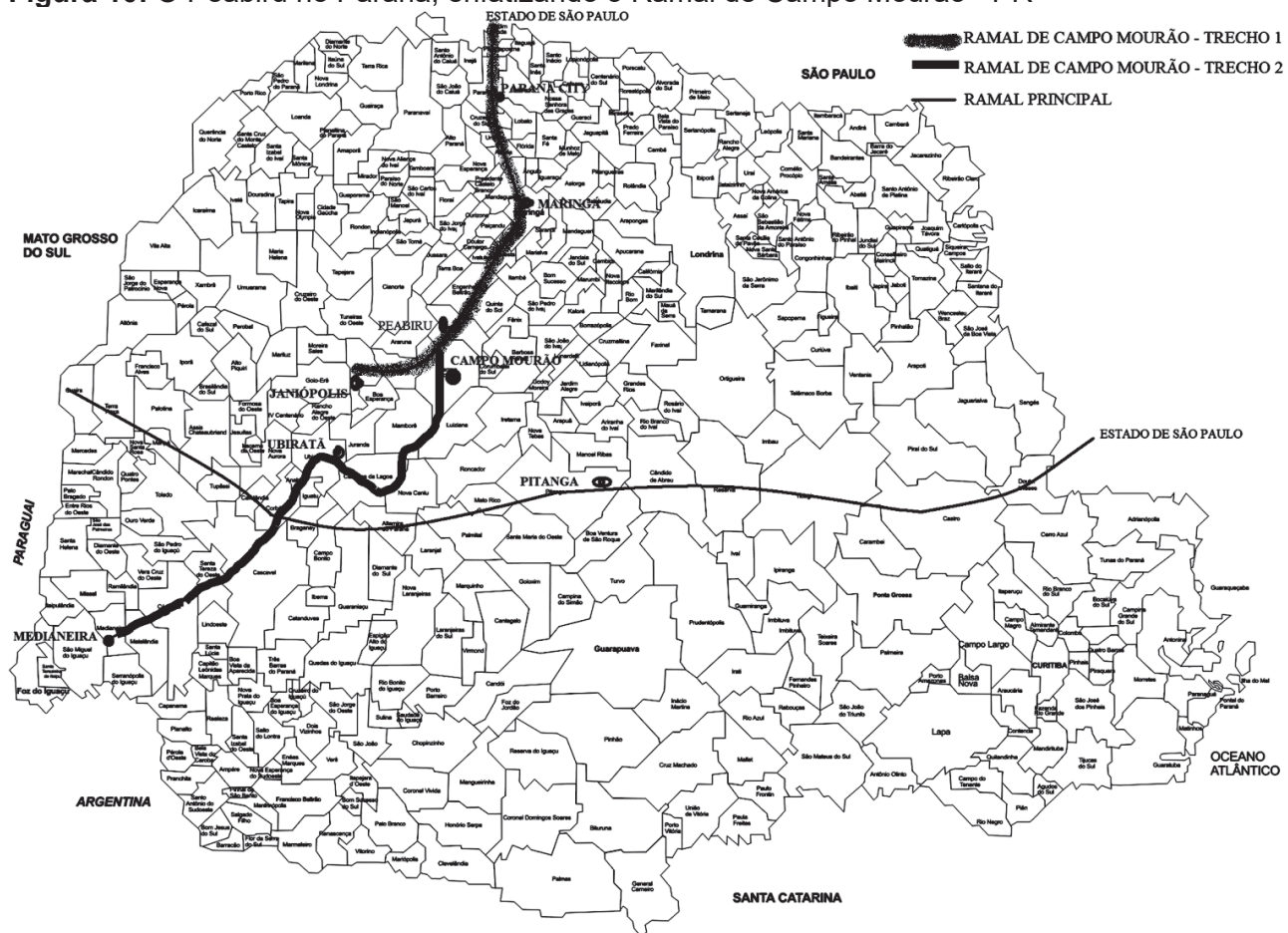
### O Ramal de Campo Mourão

Como já visto, o Peabiru era uma rede

de caminhos, onde um deles passava pela região da COMCAM, este denominado Ramal de Campo Mourão. O conhecimento deste, e seu trajeto aproximado, são de fundamental importância para a escolha do local destinado ao Memorial, pois estará relacionado à própria história do Caminho.

De acordo com Cadernos da Ilha (2004), o Peabiru iniciava-se no estado de São Paulo, possuindo a seguinte rota: Itu, Botucatu, rio Aguaperi, rio Peixe, rio Paranapanema, Itaguajé, Jardim Olinda; entrava no Paraná por Parana-poema, Paranacity, Cruzeiro do Sul, Uniflor, Atalaia, Mandaguaçu, Maringá, Itambé, Engenheiro Beltrão, Peabiru, Campo Mourão, Farol, Janiópolis. Ou talvez Campo Mourão, Luiziana, Mamborê, Nova Cantu, Campina da Lagoa, Ubiratã, Medianeira. Conforme figura 10. Pode-se considerar que dentro deste ramal o Peabiru possuía ramificações.

**Figura 10:** O Peabiru no Paraná, enfatizando o Ramal de Campo Mourão - PR



Fonte: O autor (2017).

## A importância do Peabiru no desbravamento da América

O Peabiru teve grande importância histórica, pois o mesmo serviu como via para andanças e migrações indígenas, bem como de exploração de riquezas, comércio, reduções religiosas entre outras, após a chegada dos colonizadores. O Peabiru seria o principal caminho para adentrar o interior do Brasil e chegar ao Paraguai. O grande poder de deslocamento propiciado pelo Peabiru é consolidado pela rapidez da disseminação do gado, introduzido no litoral paulista e 11 anos mais tarde, encontrava-se em território incaico. O Caminho teve fundamental importância na formação da América meridional. “sua existência passada influenciou nossa vida presente e vai continuar influenciando nossa vida futura” explica (BOND, 1996, p. 6).

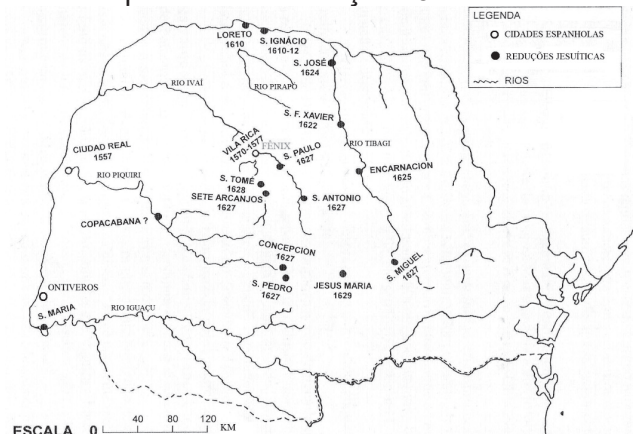
O Caminho em seu início era utilizado pelos nativos da região e, após a chegada de Cabral, serviu de passagem para sacerdotes, soldados, aventureiros, sendo as pessoas que construíram a história desta região. Bond (1996), explica que inicialmente o Caminho representava o céu para os indígenas e após a chegada dos colonizadores, o mesmo serviu para a dizimação dos nativos.

No ano de 1524, Aleixo Garcia utilizou-se do Caminho, partindo do litoral de Santa Catarina, sobre a companhia dos índios, descobriu a cidade de Cuzco, anteriormente aos espanhóis “Francisco Pizarro e Diego de Almagro<sup>4</sup>”, conforme literatura existente. Passou pelo Paraguai e parte da sua comitiva voltou ao litoral brasileiro trazendo tesouros dos Incas. A partir deste momento o Caminho tornou-se conhecido. Em 1531, a malfadada expedição de Pero Lobo, um dos capitães de Martim Afonso de Sousa, trafejou pelo Caminho. Outros personagens a trafejar pelo Caminho foram Alvar Nuñez Cabeza de Vaca em 1541, Ulrich Schmidel em 1553, e os jesuítas Pedro Lozano e Ruiz de Montoya. No século XVII, foi Raposo Tavares e outros bandeirantes os frequentadores do Peabiru. (BOND 2006)

No século XVI, o Caminho serviu para a fundação de Assunção, capital do Paraguai, bem como a criação de duas cidades espanholas e a implantação de aproximadamente 14 reduções jesuítas no Paraná, conforme figura 11. As reduções jesuítas mantiveram os índios durante 150

anos, vivendo da agropecuária, sendo o lucro dividido por todos, explica Silva (2005). A autora acrescenta que por meio do Peabiru, fundou-se a Villa Rica Del Espírito Santo “parque estadual”, situada em Fênix – PR. As ruínas dessas missões, atualmente são responsáveis por grande poderio turístico e fonte de estudos.

**Figura 11:** Ocupação espanhola do Guairá; Cidades espanholas e Reduções Jesuíticas.



Fonte: Bond (2006).

Em Pitanga PR, região central do estado paranaense, ainda há trechos do Caminho conforme trecho a seguir:

Em Pitanga, restos da trilha também estão em áreas privadas, em uma extensão de menos de 10 km. “Alguns pedaços do Caminho foram preservados porque o desenvolvimento da soja não foi tão rápido na região de Pitanga. Não fosse isso, também já teriam desaparecido”, disse Chmyz. Os vestígios localizados em Pitanga provavelmente faziam parte do tronco principal do Peabiru. (Oliveira, 2000, p.1).

Em trechos remanescentes do Caminho, são forrados por uma grama conhecida como puxa-tripa, que tem como característica a aderência aos pés de quem passa pela trilha. Grande parte desses vestígios encontram-se numa fazenda, onde é comum a existência de rochas basálticas, conhecida como pedra ferro, explica Oliveira (2008).

Após a chegada dos bandeirantes ao Paraná, destruindo as cidades espanholas e reduções jesuítas, o Caminho praticamente deixou de ser usado, sendo somente utilizado no século XIX, pelos pioneiros e colonizadores do estado.

A região da CONCAM é imensamente rica em se tratando de vestígios arqueológicos,

<sup>4</sup>Navegador espanhol, que conquistou o império Inca, a partir de 1532.



havendo indícios de Caminho em Pitanga, Campinas da Lagoa, Peabiru/Campo Mourão, entre outros. Há também sítios arqueológicos, objetos líticos, e cemitérios indígenas na região. Todo esse patrimônio pode e está ligado a passagem do Peabiru pela região.

Atualmente, Campo Mourão possui o maior entroncamento viário da região Sul do país, outra característica que possa talvez for atribuída à rede de Caminhos indígenas que nela passava.

Conforme Bond (1996), o Peabiru possui importância semelhante ao Rio Nilo no Egito, sendo que o papel que o Nilo teve para o Egito, o Peabiru teve para o Paraná, pois o estado torna-se se um local de transito, travessia e transição:

Se o Egito é um presente do Nilo, a terra hoje paranaense é o legado de um Caminho pré-histórico que se apagou na geografia da colônia. Legado que irá funcionar como determinante da vocação histórica da área, associada memorialmente a movimentos de travessia, a influências opostas que nela se intercruzaram e muitas vezes se chocaram. Costa (1972) apud Bond (1996) p. 18<sup>5</sup>.

Para os indígenas, o Caminho que antes representava a busca pela terra sem mal, após a chegada dos colonizadores, este mesmo Caminho tornou-se um inferno, pois por ele passaram os bandeirantes dizimando os índios. Através dele, o homem chegou ao império Inca, as Cataratas do Iguaçu, ao Paraguai, entre outros.

Todas essas características podem ser exploradas turisticamente, culturalmente, arqueologicamente, economicamente, religiosamente entre outros.

### O Peabiru e seus significados

Classificação do Peabiru conforme Lima (2010). **Como índice** o Peabiru representa um braço da via láctea, bem como a locomoção dos nativos no interior do continente americano. **Como ícone** representa a integração e união entre os povos que nele passaram. Devido sua aceitação coletiva, propiciado pelos estudiosos das diversas localidades onde existiu o Peabiru, o caracteriza **como símbolo**.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se a grande importância do Caminho de Peabiru para determinados povos, bem como para o desenvolvimento regional, continental e mesmo nas relações Europa-América, pois muita riqueza foi encontrada por meio do Peabiru, e que foram destinadas ao continente Europeu ou “Velho Mundo”. O estudo ao referido tema proporciona conhecer o multiculturalismo disseminado pelo Peabiru.

O Caminho de Peabiru foi e será responsável por influenciar gerações passadas, “em buscas de riquezas materiais e/ou espirituais, por ele transitando: índios, colonizadores, evangelizadores, contrabandistas, comerciantes, entre outros”. Assim como nas gerações passadas, o Peabiru tende a influenciar gerações contemporâneas e futuras, devido há muitas das riquezas espirituais e materiais ainda prevalecerem registrados de forma material ou imaterial.

Foi possível perceber a grande importância da construção de memoriais, para resgatar e materializar momentos importantes da história de um povo, assim como erigido para o ex-presidente Getúlio Vargas, da Nação Judaica, do pluralismo étnico da América Latina, entre outros tantos já realizados.

Será possível contar a história do Peabiru, através de uma arquitetura contendo significados e objetos que ajudem a disseminar esta história. O Memorial, desta maneira, homenageará e salvaguardará o Caminho, bem como poderá propiciar novos estudos e se tornará base para sua divulgação. Dentre as principais características a ser memoradas sobre o Peabiru, pode se destacar: seu traçado: origem, geometria e autores; principais usuários e suas crenças; significados como: ícone, índice e símbolo.

Entende-se ser importante o resgate de temas arqueológicos de uma região, principalmente tratando-se de características genuinamente locais, pois o Brasil, assim como os demais países da América do Sul, agregam grande teor histórico de seus colonizadores.

Foi demonstrada nesta pesquisa, a importância da arquitetura no desenvolvimento da memória de determinado povo por meio da possibilidade de exibir a história por memoriais, citando alguns exemplos relevantes. Os temas homenageados possuem valor patrimonial para uma etnia, e seguindo este contexto, o Caminho de Peabiru merece ser homenageado, devido

<sup>5</sup>COSTA, Samuel Guimarães da. *Jornal O estado do Paraná*. Curitiba, 1972.

sua grande importância como patrimônio histórico e cultural sul-americano.

## BIBLIOGRAFIA

AFFONSO, A. I. **Iwo Jima Monument**: (Marine Corps War Memorial — Iwo Jima Statue). *Jornais de Viagens - Relatos, guias, dicas e fotos de viagens*. 2007. Disponível em: < <http://interata.squarespace.com/jornal-de-viagens/2007/8/4/washington-dc-iwo-jima-monument.html>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

AFONSO, G. O Peabiru tem o traçado da via láctea. In **CADERNOS DA ILHA nº2**. Florianópolis, fevereiro de 2004. Pg 13 – 18.

BARCELLOS, J. **O Memorial como instituição no sistema de museus**: Conceitos e práticas na busca de um conteúdo. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999. Disponível em: <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu\\_doc/concmemor.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu_doc/concmemor.pdf)>. Acesso em 11 de julho de 2017.

BEBER, M. V. **O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul - Brasileiro**: O Caso Da Tradição Taquara/Itararé. Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos Programa De Pós-Graduação Em História. São Leopoldo, março de 2004. 289 pg. Disponível em: < <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/textos/beber2004/beber-2004.PDF>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

BOND, R. **O Caminho de Peabiru**. Campo Mourão: Kromoset; 1996; 90 páginas ilustradas.

BOND, R. **História do Caminho de Peabiru**. Descobertas e segredos da rota indígena que ligava o Atlântico ao Pacífico. Vol.1. Editora Aimberê; 2009. 280 pg.

CAINELLI, M. R.; TUMA, M. M. P. História e memória na construção do pensamento histórico: uma investigação em educação histórica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.34, p.211-222, jun. 2009. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639589/7158>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

CASEMIRO, S. P. Terra Sem Mal: Uma leitura

com a participação do relato da guaraninhandeva do interior do Paraná, da reserva arai werá “nuvem brilhante”. **V Simpósio sobre o Caminho de Peabiru na COMCAM, microrregião 12 do Paraná**. Campo Mourão. Abril; 2007. Pg 45 – 64.

CASEMIRO, S. P. Caminhos de Peabiru. Res-significação. **Núcleo de estudos e pesquisas sobre o Caminho de Peabiru na COMCAM – NECAPECAM**. Primeiro ciclo de estudos sobre os Caminhos de Peabiru. Campo Mourão, 26 de março de 2010a.

CASEMIRO, S. P. Ivy Mara Ey. **Núcleo de estudos e pesquisas sobre o Caminho de Peabiru na COMCAM – NECAPECAM**. Primeiro ciclo de estudos sobre os Caminhos de Peabiru. Campo Mourão, 26 de março de 2010b.

CATTANI, A. **Arquitetura e representação gráfica**: considerações históricas e aspectos práticos. Arq texto 9. 2006. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22249/000580415.pdf?sequence=1>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

CAVALCANTE, T. L. V. O mito do São Tomé americano e a circularidade cultural na América colonial. **Revista de História Regional**. 13(1): 65-93, Verão, 2008. Disponível em: < <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/download/2257/1745>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

CHMYZ, I.; SAUNER, Z. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no Vale do Rio Piquiri. Dédalo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 7(13):7-31. 1971.

CASTRO. **O que é o memorial?** . Disponível em: < <http://www.memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Memorial.pdf>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

COSTA, S. G. da. **Jornal O estado do Paraná**. Curitiba, 1972.

FRAGA, C. A. S. **Museus, Pavilhões e Memoriais**: A Arquitetura de Oscar Niemeyer para Exposições. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do sul. UFRS. Porto Alegre. Outubro de 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11038/000604367.pdf?sequence=1>> .

Acesso em 11 de julho de 2017.

GADDIS, J. L. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado.** Rio de Janeiro: Campus, 2003

GAIOSKI, C. Os preciosos vestígios de Pitanga. **In CADERNOS DA ILHA nº2.** Florianópolis, fevereiro de 2004. Pg 13 – 18.

LA SALVIA, F. **A Habitação Subterrânea: Uma Adaptação Ecológica.** In: WIEMER, Nelson S. Günter (org). *A arquitetura no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Mercado Aberto, p.7-26, 1983.

LADEIRA, Maria Inês. **O caminhar sob a Luz – O território Mbya à beira do oceano.** Tese mestrado, PUC/SP, 1992.

MILAN, P. **A verdadeira autoria do Peabiru - Vida e Cidadania.** Gazeta do Povo. Publicado em 20/09/2008. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=810003&tit=A-verdadeira-autoria-do-Peabiru>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

OLIVEIRA, D. **Peabiru, um Caminho de história.** Paraná-Online - O seu Portal de Informação Atualizado em 01/10/2008. Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/arquivo/viagem-turismo/peabiru-um-caminho-de-historia/>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

OLIVEIRA, W. **Paraná guarda últimos trechos da estrada indígena que cortava a América do Sul.** Folha Online - Brasil 500. (20/02/2000). Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/report\\_7.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/report_7.htm)>. Acesso em 11 de julho de 2017.

PEABIRU CALUNGA. **Peabiru – São Vicente a Caminho dos Andes.** Abril 2009. Disponível em: <[http://Peabirucalunga.blogspot.com/2009\\_04\\_01\\_archive.html](http://Peabirucalunga.blogspot.com/2009_04_01_archive.html)>. Acesso em 11 de julho de 2017.

PEREIRA, F. **Memorial Sete Quedas – Guaíra/PR.** Trabalho Final de Graduação. Arquitetura e Urbanismo. Universidade Paranaense. Umuarama. 2009.

PIGNATARI, D. **Semiótica da arte e da arquitetura.** São Paulo: Editora Cultrix, 1995, 144 p.

PRUDENTE, L. T. **Arquitetura Mbyá-guarani na mata atlântica do Rio Grande do Sul: Estudo de caso do Tekoá Nhũu Porã.** Dissertação de mestrado. UFRGS. Porto Alegre, Dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17025/000708603.pdf?sequence=1>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

SILVA, M. C.. M. da. O legado do Peabiru. **Compendio sobre o Caminho de Peabiru na COM-CAM-Micro-Região 12 do Paraná.** Sisgraf, Campo Mourão, 2005. Pg 205 – 209.

SILVA NETO, S. A. da. **O símbolo e o fenômeno paranormal.** Disponível em: <<http://parapsicologia.org.br/site/wp-content/uploads/2016/04/O-S%C3%84DMBOLO-E-O-FEN%C3%94MENO-PARANORMAL.pdf>>. Acesso em 11 de julho de 2017.

WERNECK, E. Caminho do Peabiru: Entrevista com a Professora Sinclair Pozza Casemiro. **Revista multidisciplinar nº 02 - dezembro de 2006 / issn 1980-5950.**

#### LA ARQUITECTURA EN LA REPRODUCCIÓN DE LA MEMORIA: EL CAMINO DE PEABIRU

**RESUMEN:** El Camino de Peabiru fue una red de caminos de precedencia indígena, seccionando el continente sudamericano de este a oeste. En la región de Campo Mourão-PR muchos han sido los estudios referentes al Camino, sin embargo, no hay estudios sobre la necesidad de memorizarlo por medio de la arquitectura. La ausencia de un espacio destinado a la salvaguardia del Peabiru hace que el inicio de la vivienda y desplazamiento humano por la región sea olvidado y desconocido por muchos. Una solución para el rescate arqueológico del Peabiru sería la construcción de un Memorial, pues varios fueron edificados con la finalidad de perpetuar una historia específica. Esta investigación de revisión literaria tiene por objetivo identificar la función de la arquitectura en rescatar acontecimientos históricos, revelando la necesidad de memorizar el Camino de Peabiru y qué puntos y programas de necesidad la obra debe explotar. Se concluye que el (Memorial Camino de Peabiru) deberá contener signos de forma que el usuario recuerde y reviva el Camino, así como presentar una propuesta de edificio que pueda albergar actividades para el desarrollo de estudios, presentaciones artísticas y culturales, Exposiciones literarias, de artefactos indígenas y de pioneros de la región.

**PALABRAS CLAVE:** Camino Peabiru; Memorial; Significado.